

Imigração judaica no Rio Grande do Sul

Pogroms na terra gaúcha?

IEDA GUTFREIND

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP), Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), Porto Alegre

RESUMO O artigo trata da evasão de imigrantes judeus da colônia de *Quatro Irmãos*, no interior do Rio Grande do Sul, na década de 1920, quando ocorreram a Revolução de 1923 ou Assisista e o movimento da Coluna Prestes, que interferiram no cotidiano desta população. Temendo o ressurgimento do que identificavam como *pogroms*, face aos atos de violência, os colonos abandonaram seus lotes de terra e muitos deles não retornaram.

PALAVRAS-CHAVE Imigrantes judeus, Rio Grande do Sul, Revolução de 1923, Coluna Prestes, memória, *pogroms*.

ABSTRACT The article discusses the Jewish immigrants in the settlement of Quatro Irmãos, interior of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, who left their lands when the Revolution of 1923 or Assisista Revolution occurred and the Coluna Prestes (Prestes Riders) passed through the region, because they interfered in the daily life of this population. Fearing the resurgence of what they identified as *pogroms* due to acts of violence, the settlers abandoned their farms and did not return.

KEYWORDS Jewish immigrants, Rio Grande do Sul, Revolution of 1923, Coluna Prestes, memory, *pogroms*.

O ARTIGO REMETE À IMIGRAÇÃO JUDAICA NO RIO GRANDE DO SUL (RS), SELECIONANDO um grupo que veio, em sua maioria, do Leste europeu, sob o patrocínio da *Jewish Colonization Association (ICA)*¹, no início da segunda década do século XX. Chegaram aos poucos, alguns vieram das colônias agrícolas da ICA na Argentina e de outros locais, estabelecendo-se na Fazenda *Quatro Irmãos*, situada na Região do Alto Uruguai; no norte do estado gaúcho, a 30 km de Paiol Grande, atual cidade de Erechim; a 17 km do núcleo de Erebangó e em torno de 73 km da cidade de Passo Fundo. Outra delimitação do artigo é de ordem cronológica, pois analisa a situação vivida pelos colonos judeus de *Quatro Irmãos*, na década de 1920.

A imigração judaica para *Quatro Irmãos* dá continuidade ao projeto da ICA, de retirar os judeus que viviam em precárias condições na Europa Oriental, especialmente no Império Russo. O início desta colonização no Brasil data dos primeiros anos do século XX, quando foi criada a colônia de *Philippson*, em 1904, também no interior do RS, localizada no centro do estado gaúcho, distante a 25 km da cidade de Santa Maria.

A maioria dos imigrantes que povoaram as colônias de *Philippson* e de *Quatro Irmãos* veio da região da Bessarábia², que compreende vilas, aldeias e cidades. A propaganda da ICA nesta região surtiu efeito, muitas famílias inscreveram-se, foram selecionadas e emigraram, estabelecendo-se na primeira colônia e, anos após, na outra.

Os judeus russos emigraram, buscando melhores condições de vida e escapar do cerco antijudaico do governo, dos atos de violência perpetrados também pela população civil, insufladas e/ou acobertadas pelas autoridades. Os *pogroms*³ eram o *grande medo*⁴ vivido através da experiência ou apenas por notícias que os judeus russos recebiam de familiares, conhecidos ou viajantes sob as mais distintas formas (DUBNOV, 1948; LEFEBVRE, 1979).

Os *pogroms* deixaram marcas profundas nesta população pois, pesquisando no Acervo de

Histórias de Vida⁵ de imigrantes e descendentes vindos para o RS, em torno de uma centena de depoimentos remete a eles. Tais depoimentos foram coletados nas décadas de 1980/90 e muitos dos depoentes eram descendentes da primeira geração de imigrantes ou da seguinte, o que permite concluir que os episódios *pogroms*, muitas décadas após, ainda se faziam presentes e de forma contundente, sendo, pois, revisitados.

A justificativa da emigração para vários depoentes resume-se no vocábulo *pogrom*. Conheciam o significado destes atos de violência e os temiam, lembram o que familiares tinham sofrido ou dos que conseguiram escapar das investidas ao serem informados da sua próxima ocorrência, mudando o local da residência. Há ainda outros que recordam que, em cidades vizinhas às que residiam, tinham ocorrido tais ataques contra a população judaica. Um grande número enfatiza que, mesmo depois de terem emigrado, os *pogroms* tiveram continuidade na Europa e que atos de violência aconteceram ao longo do século XX e até mesmo após a Segunda Guerra Mundial, quando os poucos sobreviventes tentaram retornar às suas aldeias e/ou cidades (POZIOMCZYK, 1987; SCHAMES, 1987; RATNOWSKI, 1987).

Conforme se vê, o conceito *pogrom* faz parte da memória deste grupo étnico e emerge em situações de instabilidade, vistas ou tidas como violentas.

As referências a *pogroms* não apresentam delimitações espaço-temporais; elas são assim identificadas para as mais distintas ocorrências e em diferentes épocas. Exemplifica-se com a caracterização, por um depoente, do movimento integralista, dos anos de 1930 no Brasil/RS, como um *pogrom* (ZILBERMAN, 1988) para outro, o incêndio da sinagoga da sua cidade, cujas causas não foram esclarecidas, igualmente, para ele, fora um *pogrom* (BALTCHUK, 2006).

Os atos de violência nomeados *pogroms* fazem parte da memória coletiva judaica; no caso em estudo, dos imigrantes radicados no extremo sul do Brasil. Este *grande medo* vai se exteriorizar nos anos de 1920.

A constatação acima conduz a uma reflexão no campo da memória e permite entender que *pogrom* necessariamente não representa uma experiência individual, mas atinge a cada um dos seus membros, pois está introjetada na memória coletiva deste grupo étnico. Qualquer violência seja da ordem que for, a sua percepção no presente remete à lembrança de outros atos de violência sofridos por membros do grupo no passado.

Nem todos os depoentes sofreram *pogroms*, mas, como membros do grupo, têm este acontecimento incorporado em sua memória, tomando-o por empréstimo⁶ ou por tabela⁷ e, mesmo que os *pogroms* tenham ocorrido em um espaço ou tempo nos quais eles não se faziam presentes, sentem-se vítimas. É o sentimento de pertencimento ao grupo, a sua identidade de judeu que lhes permitiu considerar a memória dos *pogroms* também como sua. Coloca-se como primária não a memória, que preserva a lembrança, mas a identidade como o elemento que une os membros do grupo, aglutinando-os face ao medo. Memória e identidade estão imbricadas.

Acima, identificaram-se dois episódios caracterizados como *pogroms* – o movimento integralista e o incêndio de uma sinagoga – mas outros acontecimentos igualmente mereceram esta mesma conotação pelos judeus. Poucos anos após a sua chegada a *Quatro Irmãos*, ocorreram atos revolucionários no interior do RS, os quais foram violentos na região nordeste do Estado.⁸ Na Revolução de 1923, quando da quinta reeleição do político Borges de Medeiros ao governo estadual pelo Partido Republicano Riograndense (PRR), os opositores,

liderados por Assis Brasil, iniciaram um movimento de contestação, tendo estabelecido sua base de combate na cidade de Passo Fundo e, conforme Lesser (1991), pelos mesmos motivos que levou a *ICA* a sediar os imigrantes na Colônia *Quatro Irmãos*, ou seja, a proximidade de vias férreas.

A instabilidade política provocada pela Revolução e, em seguida, pela Coluna Prestes, instaurou a violência no interior do Estado, especialmente na região onde se situava a Colônia. Essas ocorrências provocaram o ressurgimento do medo e da insegurança, até então reprimidos e silenciados pelos colonos.

Somam-se aos dois conflitos acima nomeados o fato de que, mesmo após o encerramento dos conflitos, bandoleiros e/ou salteadores cavalgavam pelos campos, provocando insegurança e medo. Nesta conjuntura, a moldura do quadro estava pronta para os colonos, os *pogroms* tinham reiniciado. O pânico espalhou-se, tornando-se o sentimento predominante.

Os colonos sofreram atos de violência e de humilhações. Saques, roubos de animais, de objetos pessoais, de instrumentos agrícolas; eram comuns as requisições de suprimentos,⁹ pagamento de subornos, de taxas de guerra tanto para legalistas quanto para insurretos. Casas foram invadidas, as colheitas destruídas, parte da Colônia foi ocupada e, em momento posterior, toda a área. Os meses e os anos em que passaram por provações levaram os colonos ao esgotamento dos recursos de sobrevivência e da tolerância emocional, agravados com os estragos das linhas férreas, que impediam o transporte de pessoas, produtos e mercadorias.

Lesser (1991) historia a situação da colônia durante o conflito de 1923, salientando que os danos provocados nas vias férreas da região tinham inserido a *ICA* e os colonos na Revolução.

Neste momento crítico, em maio de 1924, che-

ga ao Brasil o inglês e rabino Isaiah Raffalovich como representante da *ICA*, o qual dá início a uma nova orientação na Instituição. Visando à segurança da colônia, Raffalovich estabeleceu várias tratativas com o governo estadual e federal e também contatou o consulado e a embaixada britânica,¹⁰ envolvendo-os na defesa da colônia. Durante algum tempo, a *ICA* conseguiu que efetivos armados montassem guarda em *Quatro Irmãos*, o que não significou a garantia da ordem e a situação piorou com a sua saída. Com o recrudescimento da crise, a sede administrativa abandonou *Quatro Irmãos*, instalando-se em Passo Fundo. Muitos moradores, aliás, já tinham deixado suas colônias, dirigindo-se para cidades próximas, outros locais ou emigrando para a Argentina.

O antigo funcionário da *ICA* e morador de *Quatro Irmãos*, Chwartzmann (2005), minimiza em suas memórias as consequências da Revolução de 1923. Outro memorialista, Feldman (2003), um antigo colono, em suas memórias, recoloca de forma muito próxima ao texto de Lesser (1991) as ocorrências desta Revolução, mas tem o mérito de reproduzir em seu livro o relatório policial, com a descrição em minúcias (FELDMAN, 2003, p. 284-320) dos atos violentos cometidos contra os moradores de *Quatro Irmãos*, durante a Coluna Prestes. Estão arrolados vinte e dois depoimentos de colonos e de testemunhas, que relatam suas perdas materiais, os danos morais e os ataques sofridos.

Além de pesquisadores e memorialistas que apresentam a situação vivida pelos colonos nos anos de 1920, buscaram-se, na imprensa local da época, informações sobre tais acontecimentos. Abaixo, selecionaram-se algumas destas notícias.

Em 1925, a imprensa da cidade de Passo Fundo comunica que o representante da *ICA* viajara definitivamente do Brasil. Davi Sevi era inspetor e passara um ano trabalhando na reorganização da

Colônia *Quatro Irmãos*. Informa a notícia que, em sua *árdua missão*, lutara contra uma série de obstáculos, destacando-se entre eles o último movimento revolucionário, a Coluna Prestes, quando membros da Colônia sofreram, inclusive, agressões pessoais.¹¹

Já no final da década, em 1928, a imprensa noticia atentados a pessoas nas Colônias.¹² O artigo destaca o clima revolucionário como sendo uma das razões para o abandono dos lotes de terras, o que a matéria *Situação Anormal em Quatro Irmãos* exemplifica:

Ultimamente, de um mês e meio para cá, têm se registrado em *Quatro Irmãos* diversos e estranhos atentados a pessoa e bens de seus moradores. No mês passado, ao regressar para sua residência em companhia de uma filha, foi agredido na estrada, por indivíduos á cavalo e espancado o colono Leon Tabachanski. Dias depois o colono Jacob Hockstein sofreu idêntica e bárbara agressão.

No dia 4 do mês p. p., diversos indivíduos armados de fusil e facções ameaçaram a família do colono Miguel Glock em sua própria casa.

Em 10 do p. findo, o colono Ignácio Mermestein [sic], ao regressar da igreja [sic] para sua casa, foi também atacado por dois salteadores emboscados no mato e estupidamente espancado, espezinhado por patas de cavalo, ficando com o ombro direito deslocado. Os colonos Jayme Fligel e Isaac Raskin, à noite, também ao regressarem ao lar, tiveram idêntica agressão desses bandidos. De todos esses fatos foram lavrados autos de corpo delito ao que nos informaram.

Disse-nos quem nos deu essas informações que os próprios trens do ramal férreo da Jewish têm sido alvejados, sendo que uma noite foi obstruída a linha com o fim de sinistrar o comboio.

Os furtos de animais dos colonos são diários. In-

divíduos armados a percorrer a Fazenda espalhando o terror e a insegurança.

Em vista desses fatos de selvajaria e banditismo mais desenfreado, determinou o dr. Embargador [sic] chefe de Polícia ao dr. Prado Sampaio, Sub-Chefe de Polícia desta região que investigasse sobre o assunto, aconselhando as medidas repressivas necessárias.

Soubemos que o inquérito foi terminado, sendo os autos remetidos á chefatura de Polícia em Porto Alegre.¹³

Um ano após, já fechando a década, outro artigo, *Continuam os Salteadores a Agir em Quatro Irmãos*, afirma que, após a retirada do destacamento de “*vinte praças do povoado de Quatro Irmãos*”, reiniciaram os atentados. Informa ainda que um capataz da *Jewish*, que trabalhava no ramal ferroviário, fora ferido com *arma de fogo*, numa emboscada no quilômetro cinco do ramal *Erebango-Quatro Irmãos*. Notícia também que um engenho de beneficiamento de madeira em [colônia] *Chalé* fora incendiado e que no quilômetro três deste ramal um desconhecido ameaçou o sub-delegado de *Erebango* e os diretores da *Jewish*.¹⁴

Dois meses após, *O Nacional*¹⁵, no artigo *Os sucessos de Quatros Irmãos, Ainda não foi pacificada aquella zona*, discorre sobre o clima de instabilidade reinante, a continuidade dos conflitos entre as forças estaduais, a Brigada Militar e bandleiros que infestavam a região. O artigo clama a necessidade do envio de reforços para o destacamento militar.

Conforme visto, os estudos de Lesser (1991), as memórias de Chwartzmann (2005) e de Feldman (2003) e as manifestações da imprensa, algumas delas acima identificadas, permitem avaliar o espírito reinante entre os moradores de *Quatro Irmãos*.

Nos depoimentos realizados nas décadas de

1980/90, muitos relembram que, quando da Revolução de 1923, só havia o medo e o desejo de abandonar as colônias; recordam que as moças escondiam-se nos forros dos telhados das casas e que um grande número de colonos conseguiu evadir-se, transferindo-se, principalmente, para Erebangó. Ao retornarem, alguns encontraram suas casas destruídas, seus animais desaparecidos, tendo que recomençar suas vidas (CHOTGUIS, 1988). Passaram por invasões, saques, mortes (CHWARTZMAN, 1988); roubos de gado, de objetos, de dinheiro (HUBERMANN, 1988), provações que foram, conforme se viu, além do período da Revolução e do movimento da Coluna Prestes. Há depoimentos que consideram ter sido a Revolução a causa do fracasso da colonização da ICA (AGRANIONIK, 1987); outros reportam-se aos combates “*em cima da nossa terra*” (LAVINSKY, 1988); às lembranças dos ataques e agressões a membros da colônia (PINTO, 1987); ao engajamento de um irmão na causa revolucionária e aos suprimentos que eram obrigados a entregar (HENKIN, 1988); ao sentimento de insegurança pelo isolamento em que viviam, pois as casas na Colônia eram distantes entre si (TAVEJNHANSKI, 1987).

Essa memória subterrânea – a lembrança dos *pogroms* –, que emerge com força em momentos de perigo e de crise, leva seus personagens a tomar atitudes. No caso deste estudo, foi o abandono da Colônia.

Os depoimentos igualmente referem-se ao *silêncio* (KWITKO, 1987)¹⁶ que os avós ou pais mantinham em relação aos *pogroms*. Poucos falavam, outros nada diziam mas, mesmo assim, todos sabiam e conheciam o seu significado. Havia *silêncio*, mas a memória estava sempre alerta e a recordação dos *pogroms* ressurgia apesar deste *silêncio*. Calar não é esquecer.

Os imigrantes judeus de *Quatro Irmãos* compunham um grupo com uma identidade étnica comum. O temor do ressurgimento de *pogroms*, inclusive por aqueles que apenas detinham seu conhecimento, levou-os a abandonar propriedades e bens. Embora os movimentos revolucionários não tenham sido os únicos causadores do desmantelamento de *Quatro Irmãos*, sem dúvida tiveram nele um grande peso.

Estavam em outro continente, em outro tempo, sobreviviam, reconstruíam uma nova vida, uma grande parte deles exercia distintas formas de trabalho, já podiam se comunicar, alguns ainda precariamente, em outra língua, sua alimentação e seu modo de vestir também já haviam mudado e novos hábitos haviam sido adquiridos, embora mantivessem muitas de suas tradições.

O *Outro*, com quem conviviam agora, já não era o europeu, o russo em sua generalidade; eram outros imigrantes como eles (alemães, italianos...) e os da terra, que lhes ensinaram a plantar, a colher e a lidar com o gado. Mas surgiram ainda *Outros*, que agiram com violência, sejam bandoleiros, revolucionários ou soldados e estes todos se transfiguraram naquele *Outro* que ficara no além-mar. A distância geográfica, graças à memória, desapareceu e o ato em si, a violência, os levou a (re) significar o *pogrom* e novamente a fuga, agora uma migração interna. A mudança se lhes apresentou como a saída para preservar sua vida e a de sua família.

As razões da violência e as suas formas de expressão eram outras, *Outros* eram os homens que as praticavam, mas, mesmo contidos no *silêncio*, a memória os levava a lembrar a violência sofrida em outros tempos e locais por familiares, conhecidos, ou não, todos membros do grupo com o qual se identificavam e, conseqüentemente, ao qual pertenciam.

NOTAS

1 “*Jewish Colonization Association (ICA)*: Entidade filantrópica com o objetivo de assistir os judeus que quisessem emigrar de países onde fossem perseguidos ou economicamente oprimidos e de instalá-los no estrangeiro em atividade produtiva. Foi fundada em 1891 pelo Barão Maurice de Hirsch, como sociedade anônima...”. “...O plano básico de Hirsch era ajudar judeus da Rússia e da Romênia a fugirem às perseguições...” (ROTH, 1966, p. 686). Sobre a biografia do Barão Hirsch, ver FRISCHER, 2004.

2 *Bessarábia*: antiga região da Europa Oriental, que permaneceu sob o domínio russo entre os anos de 1878 a 1918, delimitada pelo Rio Dniéster ao norte e a leste e o Rio Prut a oeste, do baixo Danúbio e do Mar Negro, ao sul. A Bessarábia fazia parte do *Pale*, que era a área de residência permitida aos judeus russos. A maior parte deste território atualmente compreende a República Moldava e parte do sul pertence à Ucrânia. Ver, a este respeito: KINDER; HIGELMANN (1971); POLIAKOV (1985); BARNAVI (1992); ROTH (1964; 1966).

3 *Pogroms* (em russo “destruição”): Eram massacres organizados para o aniquilamento de qualquer grupo ou classe, especialmente com a conivência do governo russo contra os judeus. O termo foi usado pela primeira vez fora da Rússia ao tempo dos levantes antijudaicos organizados pelas *Centúrias Negras* na Rússia no ano de 1905, mas é frequentemente aplicado às insurreições russas anteriores, a partir de 1881 (ROTH, 1966, p. 976). Ver também CHORDÁ; MARTÍN; RIVEIRO (1990); UNTERMAN, 1992, p. 208.

4 Há inúmeras obras de história que tratam de situações em épocas e locais distintos em que o medo surge e se propaga, gerando consequências inesperadas. Como exemplo, *O Grande Medo de 1789*, de Georges Lefebvre (1979). O autor analisa as razões que promoveram o ingresso do campesinato na Revolução Francesa, dando ênfase ao clima de insegurança e os medos que se disseminaram. O artigo detém-se no medo, que se tornou intenso nos anos de 1920, entre os colonos judeus, que associaram os acontecimentos locais à violência dos *pogroms* ocorridos na Rússia, nas décadas finais do século XIX.

5 *O Acervo de Histórias de Vida*, com um total de 478 depoimentos, é resultado do projeto “Preservação da Memória Judaica”, implementado pelo Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), de Porto Alegre/RS, nas décadas de 1980/90.

6 “... digo que me lembro, mas não conheci a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente [...] Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha...” (HALBWACHS, 1990, p. 54).

7 “... acontecimentos [...] “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não...” (POLLAK, 1989, p. 3-15; 1992 p. 201).

8 *A Revolução de 1923*, ou *Assisista*, desenrolou-se ao longo de dez meses, terminando com a assinatura do Pacto de Pedras Altas que, teoricamente, deveria levar à pacificação ao Estado. O outro ato revolucionário foi a *Coluna Prestes*, que se insere no amplo Movimento Tenentista, que iniciou no interior do Rio Grande do Sul, em outubro de 1924 motivada, segundo seus líderes, pela insatisfação com a conjuntura político-partidária brasileira, ainda sob a hegemonia do poder oligárquico e pela ausência de liberdade política no país (ANTONACCI, 1981; PINTO, 1986).

9 Como por exemplo, a requisição de 15 de junho e de 01 de agosto de 1923, constituída de 60 cavalos, mais de 20% “do rebanho de gado, 18 touros, 180 sacos de milho e uma grande quantidade de grãos, mandioca e galinhas” (LESSER, 1991, p. 32).

10 As embaixadas da Polônia, do Uruguai e da Itália igualmente apresentaram queixas ao governo federal, na tentativa de proteger os imigrantes oriundos destes países.

11 Davi Sevi. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 45, 21 de novembro de 1925, p. 3. (Pesquisa realizada por Nayme Marlene Nemmen da Silva)

12 s/t. *O Nacional*. Passo Fundo, s/n, 1 de dezembro de 1928. p. 1. (Pesquisa realizada por Nayme Marlene Nemmen da Silva)

13 Situação Anormal em Quatro Irmãos. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 356, 1 de dezembro de 1928, p. 1. (Pesquisa realizada por Nayme Marlene Nemmen da Silva)

14 Continuam os Salteadores a Agir em Quatro Irmãos. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 371, 17 de janeiro de 1929. p. 2. (Pesquisa realizada por Nayme Marlene Nemmen da Silva)

15 Os sucessos de Quatro Irmãos, Ainda não foi pacificada aquela zona. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 411, 25 de abril de 1929, p. 2. (Pesquisa realizada por Nayme Marlene Nemmen da Silva)

16 Quando interrogado se seus pais contavam alguma coisa da vida em Kiev, na Rússia, Jaime Kwitko respondeu: "Não, nunca. Não comentavam..." (KWITKO, 1987).

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. *RS: As oposições e a Revolução de 1923*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

BARNAVI, Eli (Editor Geral). *A Historical Atlas of the Jewish People; from the time of the patriarchs to the present*. New York: Schocken Books, 1992.

CHORDÁ, Frederic; MARTÍN, Teodoro; RIVEIRO, Isabel. *Diccionario de términos históricos y afines*. Madrid: ISTMO, 1990.

CHWARTZMANN, Samuel. *Memórias de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: EST, 2005.

DUBNOW, Simon. *História judaica*. Rio de Janeiro: Cohen, 1948.

FELDMAN, Marcos. *Memórias da Colônia de Quatro Irmãos*. São Paulo: Maayanot, 2003.

FRISCHER, Dominique. *El Moisés de las Américas; vida y obra del Barón de Hirsch*. Buenos Aires: El Ateneu, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas histórico*

mundial: de la Revolución Francesa a nuestros días. Madrid: ISTMO, 1971.

LEFEBVRE, Georges. *O Grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

LESSER, Jeffrey. *Colonização judaica no Rio Grande do Sul, 1904-1925*. São Paulo: CEDHAL- USP, 1991.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

ROTH, Cecil. *Enciclopédia judaica*. Rio de Janeiro: Tradição, 1966. 10 v.

_____. *Pequena história do povo judeu: 1492-1962*. São Paulo: Fundação Fritz Pinkuss, 1964. V. 3.

POLIAKOV, Léon. *A Europa suicida: 1870-1933. História do Antissemitismo IV*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

DEPOIMENTOS ORAIS

AGRANIONIK, Jacó. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: abril de 1987. Entrevista n. 122.

BACALTCHUK, Jayme. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 08/08/2006.

CHOTGUIS, Olga. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 16/09/1988. Entrevista n. 189.

CHWARTZMAN, Nahum. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 1988. Entrevista n. 007

HENKIN, Henrique. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 22/12/1988. Entrevista n. 071

HUBERMANN, Carlos. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 07/10/1988. Entrevista n. 054

KWITKO, Jaime. ICJMC/Depto de Documentação e

Memória. Passo Fundo: abril de 1987. Entrevista n. 060.

LAVINSKY, Adálio e Raquel. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 28/08/1988. Entrevista n. 184.

PINTO, Maria Silverston. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 1987. Entrevista n. 111.

POZIOMCZYK, Ida. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 1987. Entrevista n. 035.

RATNOWSKI, Maurício & Rosa Turquenitch. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 1987. Entrevista n. 038.

SCHAMES, Dora. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: meio de 1987. Entrevista n. 064.

TAVEJNHANSKI, Luiz. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 1987. Entrevista n. 043

ZILBERMAN, Bóris. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre: 1988. Entrevista n. 245.

JORNAIS E PERIÓDICOS

'Cem anos de Kishinev'. *Revista Morashá*. Edição 40. Março de 2003. Disponível em: http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=252&p=0. Acesso em 01/03/2010.

Davi Sevi. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 45, 21 de novembro de 1925, p. 3.

s/t. *O Nacional*. Passo Fundo, s/n, 1 de dezembro de 1928. p. 1.

'Situação Anormal em Quatro Irmãos'. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 356, 1 de dezembro de 1928, p. 1.

'Continuam os Salteadores a Agir em Quatro Irmãos'. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 371, 17 de janeiro de 1929. p. 2.

'Os sucessos de Quatro Irmãos, Ainda não foi pacificada aquela zona'. *O Nacional*. Passo Fundo, n. 411, 25 de abril de 1929. p. 2.